SUFRAMA

SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS

www.suframa.gov.br

Clipping Local e Nacional On-line

Nesta edição 6 **matérias**

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, sexta-feira, 11 de maio de 2012

A CRITICA
Festival Sabor Brasil é marcado por variedade amazônica em receitas especiais 1
VEICULAÇÃO LOCAL

O ESTADO DE SÃO PAULO
Dilma pede mais redução de impostos 2
VEICULAÇÃO NACIONAL

VALOR ECONÔMICO
Brasil quer exportar mais para a China 3
VEICULAÇÃO NACIONAL

CORREIO BRAZILIENSE
IBGE mostra recuo da indústria 4
VEICULAÇÃO NACIONAL

ESTADAO.COM
Dilma pede nova rodada de redução de impostos 5
VEICULAÇÃO NACIONAL

BRASIL ECONÔMICO-SP
Pimentel desafia indústria a se atualizar para ganhar o mundo 6
VEICULAÇÃO NACIONAL

SUFRAMA SUPERINTENDÊNCIA DA ZONA FRANCA DE MANAUS	VEÍCULO A CRITICA	EDITORIA
	TÍTULO **Festival Sabor Brasil é marcado por variedade amazônica em receitas especiais**	
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO / ENFOQUE DE INTERESSE / VEICULAÇÃO LOCAL	

Em meio a um tumulto saboroso, 42 restaurantes de Manaus, Presidente Figueiredo (localizado a 107 quilômetros da capital), Parintins (a 315 quilômetros), Silves (a 212 quilômetros) e São Gabriel da Cachoeira (a 852 quilômetros) se reuniram na noite desta quinta-feira (10) para a 7ª edição do Sabor Brasil no AAmazonas. Este ano, o evento homenageia a influência da culinária italiana na cultura brasileira. Não é a toa que o tema é "Quem tem boca vai Roma", uma brincadeira saudável com um antigo ditado popular.

A variedade amazônica deu um toque especial: peixes e frutas regionais marcaram a maioria dos pratos apresentados com um toque exótico. A abertura ocorreu no Hotel Tropical, Zona Oeste da cidade, e contou com a participação de convidados especiais, políticos, autoridades e chefs de cozinha renomados.

De acordo com a presidente da Associação de Brasileira de Bares e Restaurantes (Abrasel) seccional **AAmazonas**, Janete Fernandes, o encontro superou as expectativas. "É extremamente prazeroso reunir pessoas do ramo da gastronomia amazonense em um local com muitas novidades. Esta noite foi apenas o lançamento de uma série de eventos que estão por vir e quem ganha com isso é o público local", ressalta Janete.

Ainda segundo a presidente, o Sabor **Brasil** é um dos maiores eventos gastronômicos do mundo, pois reúne restaurantes e estabelecimentos culinários dos 27 estados brasileiros em um concurso em busca da qualidade e sabor. O festival inclui palestras para os associados da Abrasel, workshops com chefs de cozinha e promove também uma 'Arena Gatronômica', com cozinhas show, ou seja, os chefs ensinam suas receitas para o público que tem a vantagem de degustar cada prato. Este ano, a 'Arena Gatronômica' será realizada nos dias 17 a 19 de maio na área central do **AAmazonas** Shopping, na Zona Centro Sul de **Manaus**.

A proprietária e chef do 'Flutuante da Soraya' do município de Parintins, Soraya Cohen, elaborou uma receita especial. 'Salada de Raças' é o nome do prato que leva peixe defumado e muitas verduras. "A salada é uma mistura de sabores que identificam o **Brasil** e a Itália, combinadas com as cores dos bois bumbás Garantido e Caprichoso e é um verdadeiro sucesso no restaurante", relata.

Para quem adora deliciar uma boa iguaria, os estabelecimentos participantes do Festival vão oferecer ao público suas criações a um preço diferenciado durante todo o período do evento, que vai até a segunda quinzena de junho. As receitas são servidas nos próprios restaurantes. A Abrasel disponibiliza uma lista completa de todos os estabelecimentos, preço e receitas.

A votação das melhores criações culinárias de 2012 é feita por um corpo de jurados especial e voto popular. O resultado sai em junho e os ganhadores recebem diversos prêmios, entre eles uma viagem para o sul do Brasil.

O Sabor **Brasil** é promovido pela Associação Brasileira de Bares e Restaurantes - Abrasel, seccional **AAmazonas** com patrocínio nacional do Sebrae, Ambev e apoio do **Ministério** do **Desenvolvimento, Indústria e Comércio** Exterior por meio da **Suframa**, do Governo do Estado por meio da Sepror e Prefeitura de **Manaus**.

VEÍCULO
O ESTADO DE SÃO PAULO

EDITORIA

TÍTULO

Dilma pede mais redução de impostos

ORIGEM
INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO

ENFOQUE
DE INTERESSE

VEICULAÇÃO
NACIONAL

Adriana Fernandes

Crescimento mais lento reforça a necessidade de novas desonerações para reduzir a carga tributária e estimular a economia brasileira

A presidente Dilma Rousseff pediu à equipe econômica que procure espaço para novas desonerações tributárias.

O crescimento mais lento da economia brasileira renovou no governo a discussão em torno da necessidade de adoção, o mais rápido possível, de uma nova rodada de corte de impostos.

A expansão da atividade econômica no segundo trimestre do ano continua surpreendendo negativamente o governo e já se projeta internamente o risco real de crescimento anual inferior aos 3,5% previstos pelo Banco Central (BC) no relatório trimestral de inflação. Um mês depois do lançamento da segunda fase do Plano **Brasil** Maior, a presidente voltou a insistir que é preciso avançar na redução da carga tributária.

Segundo o Estado apurou, à medida que novos indicadores econômicos são divulgados, ganha espaço a percepção de que as ações adotadas nos últimos meses para estimular a indústria e, mesmo os efeitos da queda mais forte da taxa Selic, não serão suficientes para colocar a atividade econômica na velocidade desejada no segundo semestre.

A desvalorização do real em relação ao **dólar**, com a política de intervenção do BC, ajuda a reduzir as **importa**ções e fortalece o produto nacional, mas por outro lado o crédito não reage.

Os dados da economia no primeiro trimestre vieram muito aquém do esperado e os sinais neste início do segundo trimestre revelam um quadro também de dificuldades. A "conta" do crescimento do Produto Interno Bruto (**PIB**) para 2012 já não é mais a projetada no início do ano pelo governo, quando se esperava alta em torno de 4,5%, com a economia ao final do segundo semestre crescendo a 5% ou 5,5%.

Agora, todos os esforços do ministro da Fazenda, Guido Mantega, são no sentido de tentar mexer nas expectativas e garantir pelo menos um crescimento entre 3,5% e 4%neste ano.

As perspectivas ruins para o cenário externo, com desaceleração econômica na Europa, reforçam o debate de que é preciso reduzir a carga tributária. Setores que não foram beneficiados na segunda fase do **Brasil** Maior poderão ser atendidos. Os ministros do **Desenvolvimento**, Fernando Pimentel, e do Planejamento, Miriam Belchior, já vêm defendendo o avanço no corte de tributos, reverberando o discurso da presidente.

Inicialmente, a ideia da equipe econômica era deixar novas desonerações somente para o ano que vem, mas o quadro, segundo fontes, deve exigir uma ação mais rápida.

Técnicos do **Ministério** da Fazenda dizem que o problema será encontrar espaço fiscal, pois num cenário de crescimento econômico lento o desempenho da arrecadação também enfraquece.

Mas,comas despesas com juros menores e a dívida líquidado setor público em trajetória de queda, há quem defenda uma flexibilização da política fiscal para estimular o crescimento.

VEÍCULO
VALOR ECONÔMICO

EDITORIA

TÍTULO

Brasil quer exportar mais para a China

ORIGEM
INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO

ENFOQUE
DE INTERESSE

VEICULAÇÃO
NACIONAL

De Genebra

O yuan chinês se desvalorizou 45% em relação ao real brasileiro e 30% contra a rupia indiana desde 2000, segundo o Instituto Internacional de Finanças (IIF), ilustrando a diferença de competitividade dos grandes emergentes. Nesse período, o yuan se valorizou 30% frente ao dólar americano.

Nesse cenário, uma recente visita de negociadores do **Brasil** a Pequim, para tentar convencer os chineses a reduzir picos de **exporta**ção para **mercado** brasileiro, não teve avanços - nem surpresas.

No momento, segundo uma fonte, o que está prosperando com Pequim são discussões para o **Brasil** poder**exporta**r mais manufaturados ao **mercado** chinês.

O **Ministério** do **Desenvolvimento**, Industria e **Comércio** Exterior (**MDIC**) fez um cruzamento de dados sobre o que a China **importa** de manufaturados, mas não do Brasil, e o que poderia passar a comprar de produtos brasileiros.

Antes de ir a Pequim, o secretário-executivo do **MDIC**, Alessandro Teixeira, disse em Doha (Qatar) que prefere se concentrar em vender mais para a China. O **Brasil** discutiria a redução de barreiras para **exporta**r mais cereais.

Nos fóruns mundiais, a China vem ampliando a pressão por menos protecionismo comercial.

A intenção brasileira, já de um bom tempo, é tentar convencer Pequim a segurar certas **exporta**ções para o Brasil, como têxteis. Mas a China vem é aumentando cada vez mais as **exporta**ções para os emergentes, para compensar a queda das vendas para a Europa. Os **mercado**s emergentes são cada vez mais estratégicos para as **exporta**ções chinesas, o aumento de suas vendas é cada vez maior, diz Mark William, economista chefe para a China da consultoria Capital Economics, de Londres. (AM)

VEÍCULO
CORREIO BRAZILIENSE

EDITORIA

TÍTULO

IBGE mostra recuo da indústria

ORIGEM
INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO

ENFOQUE
DE INTERESSE

VEICULAÇÃO
NACIONAL

Levantamento do IBGE mostra que, entre março de 2011 e de 2012, a produção industrial teve queda em metade das 14 regiões pesquisadas. A retração afetou os maiores parques fabris, como São Paulo e Minas Gerais

» CRISTIANE BONFANTI

As medidas pontuais de estímulo à **produção** anunciadas pela presidente Dilma Rousseff no mês passado, como a desoneração da folha de pagamento em setores mais prejudicados pela competição dos **importa**dos, ainda estão longe de afastar a crise da indústria brasileira. Pesquisa divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registrou queda na **produção** industrial, entre fevereiro e março, em cinco das 14 áreas analisadas. Na comparação com março do ano passado, metade das regiões apresentou recuo.

As maiores quedas ocorreram justamente em localidades de destaque no parque fabril. A **produção** em março, ante o mesmo mês de 2011, caiu 6,2% em São Paulo, 6% em Santa Catarina, 2,4% no Rio de Janeiro, 2,4% no Espírito Santo, 1,4% na Região Nordeste (exceto Bahia, Pernambuco e Ceará), 0,7% em Minas Gerais e 0,7% na Bahia.

Por outro lado, a atividade avançou, na comparação anual, em locais como Goiás (24,7%) e Paraná (15%). Pará (5,5%), Rio Grande do Sul (1,5%), Ceará (1,3%), **A Amazonas** (0,3%) e Pernambuco (0,1%) também apresentaram resultados positivos. Na média nacional, o recuo foi de 2,1%.

"O problema é que as localidades em que os índices caíram têm grande peso. São Paulo representa 40% da **produção** da indústria nacional. Minas Gerais, mais de 10%. E a Região Nordeste também é muito **importa**nte", afirmou Fernando Abritta, pesquisador responsável pela levantamento. "Alguns estados estão indo bem. Mas, no geral, a indústria está sofrendo", observou.

Não à toa, o ministro de **Desenvolvimento, Indústria e Comércio** Exterior, Fernando Pimentel, afirmou ontem que o maior desafio do **Brasil** é atualizar a indústria, com inovações tecnológicas, e trazê-la para o século 21. "Temos uma indústria sólida, poderosa e muito enraizada, cujo desempenho no século passado foi fundamental para colocar o **Brasil** na posição que tem hoje. Mas essa indústria precisa fazer um grande esforço para se tornar contemporânea e isso não será tarefa fácil", disse, em seminário no Rio de Janeiro.

Importados

Para Abritta, entre os fatores que ajudam a explicar os resultados negativos estão a concorrência dos produtos **importa**dos, principalmente chineses, problema que já era sentido pelas empresas nacionais, mas se agravou com a crise financeira que assola a Europa e os Estados Unidos. "Isso faz com que haja excesso de oferta nas fábricas estrangeiras e elas **exporta**m para o Brasil", explicou.

Entre fevereiro e março, as quedas acima da média nacional (de -0,5%) foram verificadas na Bahia (-1,3%), em Minas Gerais (-0,7%) e em Santa Catarina (-0,7%). Os outros recuos foram registrados em São Paulo (-0,3) e na Região Nordeste (-0,5%). Por outro lado, os melhores resultados são de Paraná (alta 9,8%), Goiás (6,7%), **A Amazonas** (6,5%), Rio Grande do Sul (2,6%), Rio de Janeiro (2,5%), Ceará (1,9%), Pará (0,9%), Pernambuco (0,4%) e Espírito Santo (0,3%).

Os piores índices na comparação com fevereiro foram registrados nos setores de equipamentos médico-hospitalares; edição e impressão; equipamentos de comunicação; fumo; e refino de petróleo e **produção** de álcool. Os melhores desempenhos foram nos ramos de veículos automotores; máquinas para escritório e equipamentos de informática; mobiliário; e vestuário e acessórios.

"Temos uma indústria sólida. Mas essa indústria precisa fazer um grande esforço para se tornar contemporânea e isso não será tarefa fácil"

Fernando Pimentel, inistro do **Desenvolvimento, Indústria e Comércio** Exterior

Dilma pede nova rodada de redução de impostos

Crescimento mais lento reforça a necessidade de novas desonerações tributárias para estimular a economia
ADRIANA FERNANDES / BRASÍLIA - O Estado de S.Paulo

A presidente Dilma Rousseff pediu à equipe econômica que procure espaço para novas desonerações tributárias. O crescimento mais lento da economia brasileira renovou no governo a discussão em torno da necessidade de adoção, o mais rápido possível, de uma nova rodada de corte de impostos.

A expansão da atividade econômica no segundo trimestre deste ano continua surpreendendo negativamente o governo e já se projeta internamente o risco real de um crescimento anual inferior aos 3,5% previstos pelo Banco Central (BC) no relatório trimestral de inflação. Um mês depois do lançamento da segunda fase do Plano **Brasil** Maior, a presidente Dilma voltou a insistir que é preciso avançar na redução da carga tributária.

Segundo o Estado apurou, à medida que novos indicadores econômicos são divulgados, ganha espaço a percepção de que as ações já tomadas nestes últimos meses para estimular a indústria e, mesmo os efeitos da queda mais forte da taxa básica de juros (Selic), não serão suficientes para colocar a atividade econômica na velocidade desejada no segundo semestre.

A desvalorização do real em relação ao **dólar**, com a política de intervenção do BC, ajuda a reduzir as **importa**ções e fortalece o produto nacional, mas por outro lado o crédito não reage.

Os dados da economia no primeiro trimestre vieram muito aquém do esperado e os sinais neste início do segundo trimestre revelam um quadro também de dificuldades. A "conta" do crescimento do Produto Interno Bruto (**PIB**) para 2012 já não é mais a projetada no início do ano pelo governo, quando se esperava alta em torno de 4,5%, com a economia ao final do segundo semestre girando a uma velocidade de 5% a 5,5%.

Agora, todos os esforços do ministro da Fazenda, Guido Mantega, são no sentido de tentar mexer nas expectativas e garantir pelo menos um crescimento entre 3,5% e 4% neste ano.

As perspectivas ruins para o cenário externo, com desaceleração econômica na Europa, reforçam o debate de que é preciso reduzir a carga tributária. Setores que não foram beneficiados na segunda fase do **Brasil** Maior poderão ser atendidos. Os ministros do **Desenvolvimento**, Fernando Pimentel, e do Planejamento, Miriam Belchior, já vêm defendendo o avanço no corte de tributos, reverberando o discurso da presidente.

Inicialmente, a ideia da equipe econômica era deixar novas desonerações somente para o ano que vem, mas o quadro, segundo fontes, deve exigir uma ação mais rápida.

Técnicos do **Ministério** da Fazenda dizem que o problema será encontrar espaço fiscal, pois num cenário de crescimento econômico lento o desempenho da arrecadação também enfraquece. Mas, com as despesas com juros menores e a dívida líquida do setor público em trajetória de queda, há quem defenda uma flexibilização da política fiscal para estimular o crescimento.

VEÍCULO
BRASIL ECONÔMICO-SP

EDITORIA

TÍTULO

PIMentel desafia indústria a se atualizar para ganhar o mundo

ORIGEM
INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO

ENFOQUE
DE INTERESSE

VEICULAÇÃO
NACIONAL

Em seminário no BNDES, apoiado pelo Brasil ECONÔMICO, o ministro admitiu que a tarefa não é fácil, mas garantiu que o Governo Federal está ajudando os empresários com iniciativas como o Plano Brasil Maior

Érica Ribeiro

A atualização da indústria para os desafios que estão sendo colocados em todo o mundo é uma das grandes questões do setor no Brasil, afirmou ontem o ministro do **Desenvolvimento, Indústria e Comércio** Exterior, Fernando **PIM**entel, em sua participação no seminário "Política Industrial no século XXI- Um Diálogo entre a América Latina e o Mundo", na sede do **BNDES**, no Rio de Janeiro, que faz parte das comemorações dos 60 anos do banco e tem o apoio do **Brasil** ECONÔMICO.

Segundo ele, a indústria, que se consolidou e cresceu ao longo do século passado, e cujo desempenho foi **importa**nte para colocar o país entre os dez maiores países do mundo, precisa se tornar contemporânea e a altura do desafio que é posto não só para o país mas para o mundo todo.

"Não é uma tarefa fácil.O governo brasileiro, liderado pela presidente Dilma, está empenhado no Plano **Brasil** Maior para que as variáveis macroeconômicas **importa**ntes para o país estejam adequadamente posicionadas para ajudar o crescimento econômico na nossa indústria com crescimento sustentável, inclusão e justiça social. Esse evento, que reúne representantes de vários países discutindo a política industrial, vai contribuir muito para que o **Brasil** possa consolidar essa posição. Somos certamente um país preparado para o futuro. Mas depende muito do que fizermos agora", disse o ministro em sua apresentação na abertura do evento.

Do lado de fora, falando a jornalistas, Pimentel detalhou mais o pensamento exposto aos participantes do seminário e disse que o adernamento da nossa indústria passa pela necessidade de torná-la mais tecnológica e mais ágil. "Nós temos uma indústria sólida, poderosa, muito enraizada, cujo desempenho ao longo do século passado foi fundamental para colocar o país onde está hoje. Mas agora é preciso um grande esforço. E o governo tem que fazer a sua parte, tornando mais flexíveis mecanismos de financiamento, reduzindo a tributação, criando programas de apoio à qualificação de mão de obra. Governo, empresários e trabalhadores estão juntos nesse esforço e eu estou confiante que a gente consiga nesses próximos anos fazer essa atualização e colocar a nossa indústria como uma indústria de ponta no mundo", ressaltou.

Com relação à situação da indústria automotiva, que apresenta nesse momento estoques elevados e é um segmento **importa**nte na cadeia produtiva do país, **PIM**entel acrescentou que a situação não é tão preocupante e que o setor já está sendo atendido.

"Nós já estamos apoiando o setor. As medidas que foram tomadas pelo **Ministério** da Fazenda e o meu **Ministério** apontam na direção de facilitação de crédito, redução de juros, um novo regime automotivo que será uma alavanca muito poderosa para a qualificação tecnológica. Mas a queda do **mercado** é sazonal. Normalmente o primeiro semestre é mais fraco do ponto de vista de venda de veículos. É claro que é motivo de acompanhamento, de preocupação, mas não acho que vá provocar grandes mudanças. As medidas foram tomadas agora e levam certo tempo para ter resultado", assinalou.

Com relação ao setor siderúrgico, outro **importa**nte segmento no Brasil, o ministro comentou que o grande estudo que está sendo feito é com relação ao custo da energia e que já está sendo feito um trabalho por parte do governo para que seja encontrado um caminho que permita essa redução.

"A siderurgia vive um momento hoje no **Brasil** em que ela tem capacidade de **produção** superior à demanda. E isso acontece no mundo inteiro. Além disso, a indústria está enfrentando uma competição com produtos **importa**dos. Mas a nossa siderurgia é muito sólida. E nós estamos em grande medida, pelo menos nas principais linhas de **produção**, no estado da arte. É uma indústria que não precisa de modernização, pelo menos no curto prazo. São só questões de ajuste no custo de energia, de tributação. A indústria siderúrgica vai se recuperar", afirmou.

Pimentel também foi questionado sobre a entrevista que deu ao jornal **Brasil** ECONÔMICO e sua afirmação sobre o comprometimento que o Banco Central deveria ter em relação a crescimento. Em seguida vieram duas manifestações

do BC em relação a autoridade e autonomia do banco nesse sentido.

Ao ser perguntado se ele se sentiu desautorizado ou se achava que o Banco Central não está cumprindo com o papel de comprometimento da instituição, o ministro foi econômico nas palavras e disse que não tem nada a acrescentar sobre o assunto. E que o que ele colocou na entrevista expressa uma opinião pessoal. Mas fez questão de ressaltar que o BC está fazendo um excelente trabalho.

"O BC tem toda a autonomia e todo o apoio da presidência da República. A opinião que eu manifestei é uma opinião pessoal minha e que eu mantenho. O compromisso do **Brasil** é com o crescimento e o do Banco Central é com a estabilidade monetária", minimizou.